

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Jaqueline Canale

CONCEPÇÕES DA LINGUÍSTICA ACERCA DO
PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DE SUAS
MANIFESTAÇÕES

Passo Fundo

2018

Jaqueline Canale

CONCEPÇÕES DA LINGUÍSTICA ACERCA DO
PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DE SUAS
MANIFESTAÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas, sob orientação da professora Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo

2018

Jaqueline Canale

CONCEPÇÕES DA LINGUÍSTICA ACERCA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DE
SUAS MANIFESTAÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas, sob orientação da professora Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Aprovada em ___de_____de_____.

Banca Examinadora

Dra. Marlete Sandra Diedrich

Dra. Patricia da Silva Valerio

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me guiar nas leituras e escritas e me abençoar na realização e percurso de mais este sonho.

A meus pais, César e Eliane, pela paciência e por serem os anfitriões desse sonho.

A meu amor, Vagner, pelos dias em que não pude me fazer presente, pela paciência e carinho mas, principalmente, pelas palavras de apoio e incentivo para que pudesse concluir esta monografia.

Aos meus sogros, Ana e Valdemar, por cederem o espaço de sua casa sempre me apoiando e preocupando-se com meu bem-estar.

A professora Marlete S. Diedrich por toda atenção e cuidados dedicados a este trabalho e por toda paciência que teve comigo.

As minhas amigas de faculdade, Maria, Talia e Alessandra, por destinarem suas palavras de carinho e compreensão de sempre e pela amizade.

Aos meus colegas, amigos e familiares que de uma forma ou de outra forneceram reflexões para minha pesquisa e colaboraram com palavras de encorajamento.

RESUMO

O tema primordial deste trabalho é Linguística e suas abordagens em relação ao preconceito linguístico, tendo como objetivo mapear as concepções da linguística acerca do preconceito linguístico e de suas manifestações. A influência cultural ao falar-se pode causar a quem ouve certo estranhamento ou o achismo de que se está falando errado. Essa influência requer uma maior atenção por parte de quem está à frente de uma sala de aula – o educador, e um estudo maior e melhor a respeito do que é preconceito linguístico e do que a Linguística aborda sobre o tema. Muitos brasileiros acreditam que não sabem português, que português é muito difícil ou que a língua falada aqui é errada. No entanto o problema está no modo como se ensina português e naquilo que é ensinado como certo. Precisa-se de uma mudança de atitude. Professores ou não, tem-se de combater o preconceito linguístico. Recusando-se os velhos argumentos que visam menosprezar o saber linguístico individual de cada um. Tem-se de impor-se como falantes competentes da língua materna. Saber filtrar as informações que são realmente úteis, deixando-se de lado as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes.

Palavras-chave: educação; preconceito linguístico; língua; ensino; escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HISTÓRICO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	9
3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA <i>VERSUS</i> A MUDANÇA LINGUÍSTICA COMO OBJETO DE ESTUDO	23
3.1 Preconceito Linguístico.....	38
4 A ESCOLA E O COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A sociedade se caracteriza por muitos preconceitos. Não há quem desconheça ou já não tenha sofrido algum preconceito, seja ele de qualquer tipo. Na área da linguagem isso não poderia ser diferente. Muitos são os tipos de falares e maiores e mais diversificados são os fatores que influenciam para que a diversidade ocorra. Além disso, ter conhecimento de que para explicar esses fenômenos existe uma ciência e inúmeros escritos e autores que analisaram e analisam o fato para coleta de amostras sobre a linguagem que provém ainda mais e que tornem mais verídico cada estudo e cada afirmação.

O tema da presente pesquisa surgiu devido a situações que passei ao iniciar meus estudos superiores. Ao ingressar na Universidade de Passo Fundo – UPF, campus 1, me deparei com situações um tanto constrangedoras, para uma pessoa do interior de uma cidade da Serra Gaúcha, com descendência italiana e polonesa. Algumas palavras que pronunciava durante as aulas causavam risos, deboches e eram alvos de chacotas para meus colegas. Constrangida ao perceber que riam da maneira como falava e após diminuir consideravelmente minha participação nas aulas coloquei-me em atitude reflexiva sobre a situação que se passava comigo e dia após dia pensava em quantas pessoas já tinham passado por uma situação assim ou passavam por essa situação ao mesmo tempo em que eu. Diante dessas reflexões, carreguei comigo até o nível VI do curso que frequento Letras, e não hesitei em eleger este assunto como tema de minha monografia.

Dentro do curso de Letras muito se fala em variação linguística e, claro, em linguagem. Como é um curso que forma professores, abrange reflexões sobre problemáticas de poderão surgir quando emergimos em uma sala de aula e a maneira que devemos encarar cada uma delas. Preconceito linguístico é uma dessas problemáticas que com certeza teremos que enfrentar ao entrarmos em sala de aula e termos contato direto com os alunos. Esses motivos também me auxiliaram na escolha do tema.

Logo, a problemática que move esta pesquisa é: a Linguística aborda e analisa o Preconceito Linguístico existente nos diversos ambientes em que nos encontramos? Tentando com esta problemática fazer um mapeamento sobre os estudos da Linguística e da Sociolinguística sobre o Preconceito Linguístico, seu surgimento e como combatê-lo para que o preconceito diminua.

Desta forma, tentamos durante todo o trabalho alcançar os objetivos que desde o início nos acompanham e nos norteiam, sendo eles: Analisar o que é preconceito linguístico;

Apontar as influências das relações sociais para a ocorrência de diferenças nas falas; Investigar possíveis danos causados nas relações de quem é vítima do preconceito linguístico no ambiente escolar; Estudar sobre o preconceito linguístico, buscando identificar sua dimensão em âmbito escolar e a relação com as diversas classes sociais.

O trabalho é de caráter bibliográfico e descritivo, uma vez que faremos um mapeamento sobre os escritos de outros autores. Somos norteados pelas análises sobre o tema em questão. Muitos são os autores que já abordaram o tema no universo da Linguística, destacando-se entre eles: Magno Bagno e Bortoni Ricardo. O trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro deles é o introdutório, no qual explicamos o tema a ser abordado e justificamos nossa escolha para tal, a problemática deste trabalho juntamente com os objetivos e metodologia, além de uma explicação sobre o conteúdo de cada capítulo escrito posteriormente.

O segundo capítulo é composto pelo mapeamento da ciência Linguística, seu surgimento, sua evolução, até conseguirmos chegar à Sociolinguística. O terceiro capítulo trata da Variação linguística e da mudança linguística, ambas são objetos de estudo da Sociolinguística. Neste capítulo criamos uma seção para podermos explicar sobre o preconceito linguístico, já que este tem surgimento e inteira relação com a subárea Sociolinguística e com os estudos da variação e da mudança.

O quarto capítulo é destinado a analisar o preconceito linguístico dentro do contexto de sala de aula, levando em consideração o sistema escolar que temos implantado atualmente. Neste capítulo, tratamos de autores que refletem a ocorrência do preconceito na escola. No quinto capítulo, trazemos nossas concepções e considerações finais sobre a questão.

2 HISTÓRICO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Para poder-se traçar melhor os fatores que enlaçam e fazem acontecer o preconceito linguístico, faz-se necessário percorrer-se um caminho histórico sobre as ciências que estudam e examinam essa área social da língua. Inicia-se por um histórico dos estudos linguísticos, tentando-se mostrar que a Linguística que conhece-se hoje, a Linguística contemporânea, teve início em Saussure e se desenvolve ao longo das décadas, com inserção de novas concepções como o gerativismo de Chomsky e estudos do texto e do discurso até chegar-se à Sociolinguística, onde o estudo social da língua acontece mais claramente.

Segundo a autora Barbara Weedwood (2002), linguagem é a capacidade humana de se comunicar por meio da fala e da escrita e língua é o sistema linguístico particular, é o idioma. Em seu livro *História Concisa da Linguística*, a autora “desenha” uma linha quase cronológica sobre os fatos, publicações e autores que contribuíram para que a Linguística tomasse a forma que hoje a constituiu. Fiorin (2006) também apresenta algumas contribuições sobre o assunto e Mussalim & Bentes (2001) ampliam ainda mais nosso mapeamento.

Segundo Weedwood (2002), a linguística é o estudo da língua/linguagem. Essa linguística como conhece-se hoje surgiu a partir de 1950 sob a influência de Ferdinand de Saussure em sua visão estrutural. A partir do século XIX, começou-se a usar a palavra linguística e hoje em dia já consegue-se fazer uma distinção entre a linguística e as demais ciências que estudam a comunicação e seus elementos. Os linguistas utilizam a expressão gramática tradicional para identificar um exame não científico do fenômeno gramatical, em que as línguas eram analisadas com base no latim. As noções básicas usadas pelas abordagens atuais podem ser encontradas nessas obras que são muito antigas, e hoje há um interesse renovado pelo estudo da gramática tradicional como sendo parte da história das ideias linguistas.

Antes de conseguir-se dar nome às ciências que estudam a comunicação, como já disse-se, ainda era muito obscuro este caminho, não havendo distinções sobre as áreas e seus domínios. Uma das áreas que não era bem clara e que entrecruza os domínios com a Linguística era a filologia, que também foi separada e distinta somente no século XIX. Há mais de 2.000 anos remonta a tradição linguística e a filologia dos chineses, mas o que mesmo interessava a eles era a fonética, a ortografia e a lexicografia. Suas considerações estavam

vinculadas ao estudo da lógica. A diferença entre filólogo e linguista também é registrada por Weedwood (2002) da seguinte maneira:

O filólogo se preocupa primordialmente com o desenvolvimento histórico das línguas tal como se manifesta em textos escritos e no contexto da literatura e da cultura associadas a eles. O linguista, embora possa se interessar por textos escritos e pelo desenvolvimento das línguas através do tempo, tende a priorizar as línguas faladas e os problemas de analisá-las num dado período de tempo. (p.10)

Fiorin (2006), em seu livro *Introdução à Linguística*, define a função do linguista como sendo aquele a estudar toda e qualquer expressão linguística sendo um fato que merece a descrição e explicação dentro do quadro científico adequado. É por meio dos estudos de línguas específicas que o linguista procura descobrir como a linguagem funciona, sendo a língua um objeto de estudo que deve ser examinado dentro de seus próprios termos. Cabe à Linguística oferecer os conceitos e modelos que fundamentam a análise das línguas.

Após definida a Linguística e por ser amplo o seu campo de estudo, ela ainda foi dividida em três dicotomias: sincrônica *versus* diacrônica; Teórica *versus* Aplicada; e Microlinguística *versus* Macrolinguística. Sobre a primeira dicotomia, muitos linguistas questionam ser impossível separar o sincrônico da língua do diacrônico, sendo que como traz Weedwood (2002), uma descrição sincrônica de uma língua a descreve tal como ela é em determinada época e uma descrição diacrônica preocupa-se com o desenvolvimento histórico da língua e com as mudanças de estrutura que lhe ocorreram.

Sobre a Microlinguística e a Macrolinguística, o primeiro se refere a uma visão mais restrita e o segundo a uma visão mais ampliada do que diz-se ser o escopo da linguística. Na visão microlinguística, as línguas devem ser analisadas em si mesmas e sem interferência de sua função social, do modo como são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos que subjazem à produção e recepção da fala, a função literária ou estética ou comunicativa da língua, entre outros. Em contraponto, a macrolinguística abrange todos esses aspectos da linguagem que a microlinguística não considera. Dentro da microlinguística estão as áreas que se fundamentam-se sobre a língua em si: fonologia, sintaxe, fonética, semântica, morfologia, lexicologia, sendo denominadas como o “núcleo duro” da linguística. (WEEDWOOD, 2002, p.12)

Essas áreas que encontram-se dentro da microlinguística representam o conjunto mais antigo e tradicional dos estudos da linguagem, onde remontam aos estudos linguísticos da

Antiguidade greco-romana. Não se pode confundir a linguística aplicada com a macrolinguística. Aquela aborda-se no decorrer deste capítulo.

Como muitos dos estudos que conhece-se hoje, várias invenções e avanços iniciaram-se com gregos, chineses e romanos. Com a língua não foi muito diferente e muitos dos estudos por eles feitos nos trazem a visão da linguística como a conhece-se hoje. Muitas contribuições para a evolução do que obtem-se nasceu com eles e é por esses motivos que muito menciona-se estes povos nesta trajetória de mostrar uma linha cronológica com os estudos linguísticos.

Sobre a tradição gramatical não advinda do ocidente e considerada como a mais independente, considera-se a da Índia, que remonta a pelo menos 2.500 anos e que tem reconhecido a gramática de Panini do século V a.C., quando era analisada a língua sagrada da Índia, denominada sânscrito. Conforme Weedwood (2002), muitos dos estudiosos do século XIX reconheceram que a tradição fonética da Índia antiga era superior ao conhecimento ocidental neste campo de investigação e isto contribuiu para que a ciência fonética no Ocidente crescesse.

A língua tornou-se um objeto de estudo em diversos contextos, entre eles a formação retórica em Roma, a preservação dos textos religiosos no judaísmo, a difusão das novas religiões como o cristianismo e o islamismo, o estabelecimento de tradições literárias vernáculas nos Estados-nações da Europa renascentista são contextos trazidos por Weedwood (2002). Alguns autores são citados nos diversos campos do estudo como, por exemplo, Bacher, no campo da língua e linguagem, entre os judeus, Sandys na filologia clássica, E.J. Dobson (1957) na obra sobre a pronúncia do inglês, H. Pedersen (1931) em filologia comparativa e, é claro, muitos outros. (WEEDWOOD, 2002)

Um dos conceitos trazidos no livro desta autora é o de que se a linguística considera-se como o estudo da linguagem em todos os aspectos, sendo assim, a história da linguística deve abranger todas as abordagens passadas ao estudo da linguagem, independente dos métodos usados e dos resultados até então obtidos.

Segundo a mesma autora, um estudo que contribui para a história da linguística foi a epistemologia histórica, que é considerada como o estudo dos diferentes modos de pensamento, perspectivas e pressuposições que caracterizam as diferentes épocas e os diferentes povos. A história da linguística ocidental registrada tem início em Atenas com Platão sendo o primeiro pensador europeu a refletir sobre os problemas fundamentais da linguagem. Essa tradição ocidental tem suas próprias características, tendo uma visão de

mundo distinta o que provoca consequências nas narrativas e para a história linguística em geral, pois dois planos são distintos: o geográfico e o temporal. Sobre esses dois planos Weedwood (2002, p. 22) apresenta as seguintes considerações:

No plano geográfico, é vão tentar ligar todas as grandes tradições linguísticas numa única sequência cronológica, saltando da Índia à China, à Grécia e a Roma, aos povos semíticos e de volta ao Ocidente. Cada tradição tem sua própria história e só pode ser explicada à luz de sua própria cultura e de seus modos de pensamento. Cada uma tem sua contribuição particular a dar à luz a percepção humana da linguagem. [...] No plano temporal, em contrapartida, embora alguns modos de pensamento permaneçam característicos de uma tradição particular por um longo período de tempo, outros se sucedem um ao outro mais ou menos rapidamente com efeito cumulativo ou cíclico. [...]

Não pode-se deixar de considerar um dos fatores que mais alterou fatos em muitos campos de atividade intelectual – o Renascimento – que dividiu a linguística em pré-renascentista e pós-renascentista, para torná-la mais adequada.

Sobre a linguística grega e a romana, pode-se dizer que ambas foram um *continuum* com a medieval, como trata Weedwood (2002), pois os romanos basearam-se nas iniciativas dos gregos, colaborando para desenvolverem-nas, em contraponto aos medievais que estudaram e transformaram a versão romana da tradição antiga.

Em contraponto a esses estudos, a história da linguística ocidental registrada tem seu início em um confronto de visões da língua e da linguagem, visões estas opostas, uma visão trazendo a língua e linguagem como fonte de conhecimento e a outra como um simples meio de comunicação. Se considera-se a língua como algo que contém ou reflete a realidade, esse estudo é o caminho para o conhecimento da realidade, mas se a considera-se arbitrária, nada de muita importância pode ser obtido com seu estudo, concluindo, assim, que o objetivo primordial da linguística seja o entendimento de língua e de linguagem. O Crátilo de Platão é o primeiríssimo texto ocidental sobre a linguagem, abordando essa questão. Um trabalho posterior no Ocidente foi o de Apolônio que deu origem à sintaxe na alta Idade Média, relatado por Weedwood (2002).

Deve-se considerar que muita coisa se perdeu e outras foram mal interpretadas ao serem traduzidas de uma língua para outra, tendo em vista que alguns conceitos e até mesmo registros levam fielmente em conta o que hoje tem-se, não podendo-se investigar nos antigos registros ainda mantidos em outras línguas.

Na cultura latina, os romanos atribuíram aos gregos à introdução da gramática. Um dos nomes encontrados é o de Varrão, sendo este historiador e filósofo conferido ao seu

trabalho como diferente dos que já menciona-se até aqui. Muitos foram os gramáticos que, aqui menciona-se, que também contribuíram com a evolução da língua e conseqüentemente da Linguística. Estudando-se e analisando-se a parte gramatical da linguagem, construíram-se livros primordiais que depois foram sendo criticados, refeitos, melhorados e que hoje servem-se como base para o resultado da Linguística e ensino de gramática que tem-se. Pode-se mencionar como estudiosos colaboradores desse processo Heintich Keil, *grammatici Latini* (Leipzig 1855-1880), gramática escolar (*Schulgrammatik*) de regras (*regulae*), *Ars maior* e *Ars menor*, ambas as obras de Donato (c. 350 d.C.) este último em três volumes. Outras obras remanescentes do mesmo tipo de Donato são atribuídas a Escauro, Ásper, Dositeu, Agostinho, Audaz, Vitorino, Jerônimo – um dos Padres da Igreja (junto com Agostinho, Ambrósio e Gregório Magno) – ambos os alunos de Donato. No final do século IV podemos citar Sérvio, Sérgio, Cledônio, Pompeu que escreveram comentários sobre *Ars maior*, obra esta de Donato, ao invés de escrever sobre Eneide de Virgílio, que era uma tendência na Idade Média prosseguida por estudiosos que exerciam a exegese bíblica. (WEEDWOOD, 2002)

A gramática do tipo *regulae*, destinada a ajudar a identificação das formas do latim, escrita por autores bilíngües do império como Prisciano, Êutico e Focas no Oriente grego, bem como Marciano Capela e o Pseudo-Agostinho na África. Estas obras auxiliaram muito aos estudantes daquela época. (WEEDWOOD, 2002, p. 41)

As gramáticas do Oriente grego, considera-se as obras de Prisciano (Constantinopla, c.500) foram influentes para os séculos posteriores. Em suas três obra combinou-se estudos retratados até então, apenas aperfeiçoados os conceitos para uma gramática mais próxima do real. Hoje, tem-se como exemplos de gramáticas as de Celso Cunha e Lindley Cintra.

Ainda sobre as áreas subdivididas da linguística vai-se tratar um pouco da morfologia, que também contribuiu para a Linguística contemporânea. A morfologia é abordada como o estudo das formas das palavras, sendo um desdobramento pós-renascentista. Varrão, como já citou-se, reconhecia aos gregos o mérito de distinção entre o estudo da origem das palavras, conhecida como etimologia, e o estudo do que elas representavam que é o que entende-se por semântica. Varrão e seus seguidores enfatizaram os processos pelos quais a mudança acontecia. Já Isidoro e seus seguidores medievais viam as relações semânticas como o verdadeiro significado de uma palavra. Tantos nomes e tantos escritos só puderam tornar a área linguística melhor tanto em suas concepções quanto em sua história. Os conceitos básicos já estavam definidos.

Outra subárea da Linguística que surgiu entre estes estudos e análises foi a etimologia, que concentrou-se cada vez mais na comparação das formas e significados, foi a ferramenta fundamental para provar-se ou reprovar-se uma hipótese depois da outra. Para definir o parentesco das línguas, Georg Stiernhielm enfatizou, em seu estudo, que a mudança linguística era inevitável devido à distância temporal ou geográfica, afirmação que implicou os conceitos de que a língua original da humanidade ainda possa existir em sua forma primeira, e, assim, aumentou ainda mais a lista de Salmário, incluindo tantos outros idiomas.

[...]Com Leibniz, a visão genética das relações entre as línguas estava cedendo lugar a uma abordagem potencialmente mais próxima da moderna tipologia baseada na distribuição geográfica.(WEEDWOOD, 2002, p. 87)

A corrente “particularista”, suplantada no final do século XVII pelas tendências universalistas que percorriam-se a França e que foram absorvidas com grande entusiasmo na Inglaterra, continuou seu desenvolvimento nos séculos XVII e XVIII nas diversas áreas, como a fonética e com foco na etimologia. Essa última deve levar-se em consideração a identidade do significado e os sons.

Foi na segunda metade do século XVIII que o que havia sido conceituado desde o Renascimento já tinha sido experimentado nos diversos contextos e agora passavam a aparecer as limitações desses conceitos e aplicações. Os linguistas históricos do século anterior tinham chegado a conclusões surpreendentes, mas como não tinha-se meios técnicos para justificar, essas conclusões foram descartadas por hipóteses bem menos eficientes. Essa insatisfação é representada pelos escritos de vários investigadores sérios desse período.

Com uma comunicação com os sábios da Índia, os missionários franceses e os que administravam colônias britânicas começaram a interessar-se pela língua sânscrita e pela tradição gramatical indiana. Os funcionários da administração britânica estavam habituados a analisar o latim e o grego, mas sem muitas dificuldades, logo conseguiram estruturar as suas próprias gramáticas do sânscrito com base nas gramáticas indianas, Carey (1804), Colebrooke (1805), Wilkins (1808) e Forster (1810) foram os renomados nesse processo. (WEEDWOOD, 2002, p.95)

Mas, apesar de todos os escritos e formulações para essas gramáticas, foi somente com o surgimento da segunda geração de gramáticas que o sânscrito se tornou acessível a um número maior de pesquisadores, com a influência dos gramáticos Yates (1820) e Frank (1823)

e a que consideram mais importante de todas, a de Bopp (1824 -37). Esse último gramático com o lançamento de seus estudos acerca da gramática comparativa iniciou um grande programa para o futuro.

Com o movimento dominante na linguística na maior parte do século XIX denominado abordagem histórica da língua, foi um dos movimentos e manifestações da tendência contemporânea de encarar o mundo em termos evolucionistas.

Muitos estudos seguiram-se a partir de então, muitos estudiosos que nem conhecidos eram tornaram-se públicos com seus avanços na área gramatical da língua e numa separação do que deveria ser estudado e aprimorado. Enquanto alguns desprezavam tal área, outros tornavam-se conhecidos justamente na área que por outro havia sido desprezada. Foi nesse período que os vernáculos europeus e a multiplicidade de línguas que haviam sido recém-descobertas fora da Europa tomavam cada vez maior proporção logo no século XVII. Porém, havia uma perspectiva de fragmentação linguística lançada numa escala que era desconhecida na Europa Ocidental desde que os romanos, eruditos e o público partiram e reagiram e por isso o foco foi lançado sobre o sistema universal de linguagem.

Em meio a grandes estudos e à evolução da língua construída pelo tempo e povos que estavam constituindo-se, muitas gramáticas foram construídas e com isso grande avanço na área linguística ocorria. Um marco para esse avanço e para que os estudos linguísticos progredissem até o século XIX foi o desenvolvimento do método comparativo que trazia a seguinte ideia:

[...] conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas no tocante a seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a demonstrar que eram “genealogicamente” aparentadas. [...] (WEEDWOOD,2002, p. 100)

Um contribuinte para esse método foi o orientalista Sir William Jones, não sendo o primeiro a observar isso, recebeu o crédito de tal, dizendo que daquelas três línguas (gótico, antigo alto-alemão e norueguês arcaico) jorravam outras línguas, que esta era a “fonte comum” que fazia com que outras línguas a partir daqui surgissem. (WEEDWOOD, 2002. p. 108)

Já mencionou-se neste nosso mapeamento linguístico o linguista alemão Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835), este, forte contribuinte não somente da linguística histórica que não

era seu forte, mas em muitos outros aspectos. Sua teoria sobre a forma “interna” e “externa” da língua é o que também lhe diferenciou dos demais.

A forma externa da língua seria a matéria bruta (os sons) com base na qual as diferentes línguas são moldadas; a forma interna seria o padrão, ou estrutura, de gramática e significado que é imposto sobre essa matéria bruta e que diferencia uma língua da outra. (WEEDWOOD, 2002, p. 107)

Essa teoria foi denominada como uma forma estrutural da língua e posteriormente viria a tornar-se dominante nos meados do século XX. Humboldt se referia a língua como algo dinâmico e não estático não podendo ser considerada como o produto de uma atividade.

Uma língua não é um conjunto de enunciados prontos produzidos pelos falantes, mas os princípios ou regras subjacentes que possibilitam aos falantes produzir tais enunciados e, mais que isso, um número ilimitado de enunciados. (WEEDWOOD, 2002, p. 107)

Estas ideias de Humboldt foram seguidas pelo filólogo alemão Hymann Steinthal e o filologista e psicólogo Wilhelm Wundt, que posteriormente influenciaram as teorias psicológicas da linguagem do final do século XIX e início do século XX. A influência de Humboldt e suas teorias podem ser percebidas no pensamento de Ferdinand de Saussure (1557 – 1913), mas suas implicações só viriam a ser percebidas e tornadas precisas por meados do século XX quando o linguista americano Noam Chomsky fez de suas ideias as noções básicas da gramática gerativista.

Como pode-se identificar até aqui, todas as línguas mudam, pois todos os povos mudam, pode-se dizer claramente que a língua que fala-se hoje não é a mesma que foi falada há algumas gerações anteriores. Uma das principais realizações dos linguistas do século XIX não foi apenas perceber o que menciona-se acima, mas também focar suas investigações científicas com base mais sólida por meio do método comparativo.

Percebendo-se essas mudanças linguísticas que os estudiosos começaram a desenvolver, ainda no século XIX, estudos na fonologia da língua, considerando a mudança linguística, na área semântica, demonstrando mudança semântica, estudando a mudança do significado de palavras.

O método comparativo, já mencionado por sua importância na linguística histórica se preocupou com a reconstrução de uma língua mais antiga tendo como base a comparação das palavras e expressões aparentadas em línguas diferentes e em dialetos derivados dessa língua.

O método comparativo se desenvolveu ao longo do século XIX para a reconstrução do protoindo-europeu e foi posteriormente aplicado ao estudo das demais famílias linguísticas. Ele se apoia no princípio da mudança fonética regular – um princípio que encontrou violenta oposição ao ser introduzido na linguística pelos neogramáticos na década de 1870, mas que, já no final do século, se tornou parte do que poderíamos chamar sem exagero de abordagem ortodoxa da linguística histórica. As mudanças nos sistemas fonológicos das línguas eram apreendidas sob a forma de leis fonéticas. (WEEDWOOD, 2002, p. 115)

Mas, como todos os demais estudos, o método comparativo também recebeu críticas. Uma das primordiais é que ele se baseava numa metáfora genealógica enganosa. Entre os anos do século XIX, o linguista alemão August Schleicher introduziu na linguística comparativa o modelo “árvore genealógica”. É claro que não existe determinado ponto em que pode-se dizer que a língua nasceu de outra língua-mãe (aquele sentido de fonte, anteriormente já mencionado). Também é enganoso esse último conceito de “fonte”, não se acredita que a língua somente possa surgir de outra língua, sem deixar que ela apareça de um novo, antes desconhecido. Essas suposições foram embutidas no método comparativo, tal como tradicionalmente é aplicada. Johannes Schmidt, pesquisador alemão, em 1872, criticou essas teorias e propôs no lugar de “árvore genealógica” a “teoria da onda”, segundo a qual diferentes mudanças linguísticas difundiram-se.

Atualmente o método comparativo é usado para reconstruir as formas antigas de uma língua, tendo como base o que é oferecido por outras línguas da família. É suplantado pelo que chama-se de método de reconstrução interna, baseado na existência de padrões anômalos ou irregulares de formação e na suposição de que eles devem ter se desenvolvido pela mudança fonética, a partir de padrões regulares anteriores.

Na linguística do século XX, encontra-se ainda uma tensão que existia nas épocas anteriores entre o foco “universalista” e o foco “particularista” na abordagem dos fenômenos da língua e da linguagem, tensão esta expressa nas dicotomias de Saussure ao conceituar a separação entre *langue* e *parole*; *significado* e *significante* e de Chomsky sobre *competência* e *desempenho*; *estrutura profunda* e *estrutura de superfície*, e que posteriormente serão criticados pelos linguistas que se dedicarão à abordagem funcionalista da língua e os aspectos pragmáticos do *uso* da língua, e também pelos que defendiam a língua como uma atividade

social, já que para ambos a língua é “abstrata”, “universalista”, “sistêmica” e “formal”. É também neste século que surgiram estudos que ultrapassaram, pela primeira vez, o “núcleo duro” da linguística, avançando para uma mudança muito maior com outras áreas. (WEEDWOOD, 2002, p. 126)

Para qualificar um determinado número de escolas de pensamento linguístico utiliza-se como rótulo o termo estruturalismo. O mesmo tem implicações diferentes dependendo do contexto em que é empregado. O que se tem registro é que a linguística estrutural na Europa começa em 1916 com a publicação do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure que, em seus escritos, aparece muito do que Humboldt já havia publicado como menciona-se. Na obra de Saussure, o estruturalismo pode ser visto diante de duas dicotomias: *langue* em oposição a *parole* e a forma em oposição à substância.

[...] *langue* signifique “língua” em geral, como termo técnico saussuriano fica mais bem traduzido por “sistema linguístico”, e designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua. O termo *parole*, que pode ser traduzido por “comportamento linguístico”, designa os enunciados reais. (WEEDWOOD, 2002, p.127)

Na Europa, estruturalismo é o termo em que se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e que deve ser distinta dos enunciados reais, sendo ela o objeto do estudo do linguista. Essa abordagem não fica restrita à linguística sincrônica, pois a área da fonologia e da sintaxe e também o estudo do significado podem ter uma orientação estrutural e deve-se a Saussure a distinção entre linguística sincrônica e diacrônica. Enquanto a primeira deve lidar com a estrutura do sistema de uma língua num ponto específico do tempo, a segunda devia se preocupar com o desenvolvimento histórico dos elementos isolados. (WEEDWOOD, 2002, p. 128)

Fazia-se necessário tratar cada língua sendo um sistema coerente e integrado, sendo assim, os linguistas europeus e americanos deste período enfatizaram a incompatibilidade estrutural das línguas individuais. Diante desse aspecto, muitas concepções de diversos linguistas mudaram inclusive seus olhares. Boas e Sapir ainda eram atraídos pela corrente humboldtiana que abordava a relação entre linguagem e pensamento, mas foi um dos discípulos de Sapir, Benjamin Lee Whorf (1897 – 1941) que apresentou a relação entre linguagem e pensamento numa maneira desafiadora que atraiu a atenção geral do mundo intelectual.

No ano de 1957, Avram Noam Chomsky, professor de linguística no MIT (Massachusetts Institute of Technology) publicou o livro *Syntactic Structures*, sendo o divisor de águas na linguística do século XX. Neste trabalho, desenvolveu conceitos de uma gramática gerativa que distanciava-se e muito do estruturalismo e do behaviorismo das décadas anteriores. Este linguista mostrou que as análises sintáticas das frases que até então eram realizadas estavam sendo inadequadas porque deixavam de levar em conta a diferença que existia entre os níveis “superficial” e “profundo” da estrutura gramatical. Um dos objetivos dessa gramática estabelecida por Chomsky era fornecer um meio para a análise dos enunciados que levasse em conta o nível da estrutura. Para alcançar este objetivo que propunha, ele traçou uma distinção entre o conhecimento que uma pessoa tem da regra de uma língua e o uso efetivo dessa língua nas situações reais, intitulando o conhecimento por *performance*, *desempenho*. O linguista, segundo essa visão, deveria preocupar-se com o estudo da competência e não ficar apenas no desempenho, algo que era realizado até então pelos linguistas. (WEEDWOOD, 2002, p. 133)

As propostas de Chomsky visavam descobrir as realidades mentais subjacentes ao modo como as pessoas usam a língua(gem): a competência é vista como um aspecto de nossa capacidade psicológica geral. A linguística foi encarada como uma disciplina mentalista – uma visão que contrastava com o viés behaviorista da linguística feita na primeira metade do século XX e que se vinculou aos objetivos de vários linguistas mais antigos, como os gramáticos de Port-Royal. Também se defendia que a linguística não deveria se limitar simplesmente a descrição da competência. A longo prazo, havia um alvo ainda mais ambicioso: oferecer uma gramática capaz de avaliar a adequação de diferentes níveis de competência, e ir além do estudo das línguas individuais para chegar à natureza da linguagem humana como um todo (pela descoberta dos “universais linguísticos”) (WEEDWOOD, 2002, p. 134)

Através do estudo da faculdade humana, deveria ser possível estabelecer como uma pessoa constrói o sistema do conhecimento de acordo com suas experiências diárias e assim conseguir-se avançar em direção ao problema. Um aspecto importante nesta proposta de Chomsky é o que ele elaborou para tornar a noção de competência mais entendida, “[...]o sistema de regras e símbolos que oferece uma representação formal da estrutura sintática, semântica e fonológica dos enunciados.”(WEEDWOOD, 2002, p. 135)

Essa abordagem foi chamada de gramática transformacional. A partir da década de 1950, muitos outros estudos vieram em prol de tentar desenvolver a gramática gerativa e a teoria original já foi formulada e reformulada diversas vezes. (WEEDWOOD, 2002, p.135)

Muito do que hoje é tratada como questão teórica importante é debatida nos termos em que Chomsky optou por defini-la, sendo assim, que tornou-se um dos pensadores mais importantes da história contemporânea. Mas existem as escolas rivais desse modelo gerativista, sendo citada a tagmêmica, a gramática estratificacional e a Escola de Praga. A primeira é o sistema de análise linguística tendo como linguista o americano Kenneth L. Pike e seus colaboradores no seu trabalho de tradução da Bíblia. A segunda foi desenvolvida nos Estados Unidos tendo como linguista Sydney M. Lamb e tem sido vista como uma alternativa à gramática transformacional, sendo esta caracterizada como uma modificação radical da linguística pós-bloomfieldiana, mas com diversos aspectos que a ligam ao estruturalismo europeu. E a última, a Escola de Praga, teve sua importância no período após a publicação do Curso de Saussure e suas ideias e características foram assumidas por outras escolas. (WEEDWOOD, 2002, p. 137)

Ainda faz-se necessário mostrar o trabalho de M.A.K. Halliday, nascido na Inglaterra, cuja teoria é designada linguística sistêmica. A gramática é vista como uma rede de “sistemas” inter-relacionados, dando uma atenção especial aos aspectos semânticos e pragmáticos da análise e o modo como a entonação é usada na expressão do significado.

Voltando-se a falar na Escola de Praga, por sua grande importância, combinou-se o estruturalismo ao funcionalismo.

Aqui ele deve ser entendido como aplicando uma apreciação da diversidade de funções desempenhadas pela língua e um reconhecimento teórico de que a estrutura das línguas é, em grande parte, determinada por suas funções características. O funcionalismo, tomado neste sentido, se manifesta em muito dos postulados, mais específicos da doutrina da Escola de Praga. (WEEDWOOD, 2002, p. 138)

Uma análise funcional da linguagem teve influência em Karl Buhler, psicólogo alemão que elaborou três tipos gerais de funções desempenhadas pela língua e linguagem: função cognitiva, expressiva e conativa. A primeira refere-se ao uso para a transmissão de informação factual; a segunda é a indicação da disposição de ânimo ou atitude do locutor (escritor) e a terceira entende-se por seu uso influenciar a pessoa com quem se fala. Esta escola é mais conhecida pelo seu trabalho na fonologia. (WEEDWOOD, 2002, p. 139)

A partir do século XX os linguistas focaram seus estudos sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso da língua por seus falantes. A ciência que estuda os fatores que regem as nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos das nossas escolhas sobre as demais pessoas é denominada pragmática. Os fatores pragmáticos são os que

influenciam na seleção dos sons, nas construções gramaticais e no vocabulário dentro dos recursos da língua. A pragmática deve ser vista como algo que separa os “níveis” de língua e não faz parte de “estrutura” da língua. Apesar de todos esses estudos ela ainda não é um campo de estudo coerente, pois são inúmeros os fatores que governam a nossa escolha de língua na interação social. (WEEDWOOD, 2002, p. 146)

Outras ciências levam em conta as noções de intenções do falante, os efeitos que um enunciado tem sobre um ouvinte e os conhecimentos que formam a fala e os enunciados, conhecimentos estes, de mundo, de vivências e experiências. Duas dessas ciências são a pragmática e a semântica. A estilística e a sociolinguística sobrepujaram-se a pragmática nos estudos das relações sociais que existem entre os participantes, e o modo como o contexto extralinguístico, a atividade e o tema da conversa regulam a escolham dos aspectos e variedades linguísticas. (WEEDWOOD, 2002, p. 146)

A pragmática linguística nasceu no campo da filosofia e os três filósofos foram John L. Austin (1911 – 1960), John Searle e H.P.Grice. Essa linha está ainda em pleno desenvolvimento, o que indica que ela ainda seja o campo mais fértil de estudo na linguística do século XXI .

Outro grande nome que influenciou na concepção de seus estudos sobre língua foi o pensador russo Mikhail V. Bakhtin (1885 – 1975). Uma das principais contribuições deste pensador está em sua crítica às duas concepções de língua e de linguagem que dominaram os estudos filológicos, gramaticais e linguísticos até o momento. Apresenta críticas ao que entendia chamar-se subjetivismo e objetivismo abstrato:

A essas duas concepções de língua Bakhtin opõe a urgência de se considerar a língua como uma *atividade social*, em que o importante não é o *enunciado*, o *produto*, mas sim a *enunciação*, o *processo* verbal. Para Bakhtin, a língua é (tal como para Saussure) um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, contrariamente à linguística saussuriana e pós-saussuriana, que faz da língua um objeto abstrato ideal [...] (WEEDWOOD, 2002, p. 151)

O diálogo é o fundamento da linguística bakhtiniana, nisto Bakhtin antecipou-se a Sociolinguística, só pode existir língua onde há interação social, a língua é enunciação. “A língua é determinada pela ideologia, a “atividade mental” aproximando-se de Lev Vygotsky (1896 – 1934) que postulou “a construção social da mente”.

Bakhtin impactou a linguística do século XX com seus conhecimentos, estudos e concepções e contribuiu para a linguística ser o que é hoje e poder depois dela vir a sociolinguística convivendo-se e traçando-se o lado social da língua, a variação e a mudança.

Na sequência, o terceiro capítulo deste presente trabalho aborda a variação linguística e a mudança linguística que são áreas muito importantes do estudo da sociolinguística. Esses dois estudos são essenciais para uma avaliação posterior que dará seguimento ao nosso trabalho. Inicia-se então especificando-se sobre o que é variação e mudança linguística.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA *VERSUS* A MUDANÇA LINGUÍSTICA COMO OBJETO DE ESTUDO

Após o percurso histórico sobre a Linguística e sua evolução, entra-se agora numa das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando-se sua atenção para os aspectos linguísticos e sociais. Pode-se perceber a presença dessa ciência em espaços interdisciplinares, na fronteira entre línguas e sociedade, tendo seu foco em empregos linguísticos concretos. Para este estudo pauta-se em Mollica (2012).

Segundo Mollica (2012), essa subárea considera como objeto de estudo a variação, entendendo-se essa variação como princípio geral e universal, possível de ser descrita e analisada cientificamente. As áreas que interessam à Sociolinguística são os contatos entre as línguas, as questões relativas ao surgimento e extinção linguística, mudança, estes temas constituem a investigação na área.

Pode-se iniciar-se a traçar os temas de estudo da Sociolinguística e conseqüentemente sobre as várias línguas que existem em nosso país, somos um país plurilingues, pois além do português, convive-se com mais de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, e comunidades de fala com influências no espanhol, italiano, alemão e japonês, pois foram povos que colonizaram nosso território e suas manifestações culturais ainda são percebidas nos falares e costumes dos povos que em nosso país vivem.

Enquanto a Linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico, a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais e comunidades maiores. Pensando nessa perspectiva, se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade.

O que é fundamental para os estudos linguísticos é o papel da mudança linguística. Os problemas teóricos envolvidos referem-se a processos de encaixamento, avaliação e implementação. Segundo Mollica (2012), o linguista deve

Compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acha-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo de inovação. Em análise, deve definir se o caso é de variação estável ou de mudança em progresso. (MOLLICA, 2012, p. 10)

A variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe que existam formas linguísticas alternativas que são denominadas variantes. A autora exemplifica o que são as variantes

Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância. (MOLLICA, 2012, p. 11)

Uma variável é dependente do sentido que o emprego das variantes não seja aleatório, mas que seja influenciado por grupos de fatores e que esses grupos sejam de natureza social ou estrutural. Essas variáveis independentes ou esses grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa da língua e podem fazer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência da ocorrência.

O termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Os grupos de fatores consistem-se nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. Essas variantes podem permanecer-se estáveis nos sistemas, no qual as mesmas formas continuam se alternando, durante um período de tempo curto ou durante século, ou então, sofrem mudança que é quando uma das formas desaparece. No último caso, algumas formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento este que configura o processo de mudança em progresso.

Para a Sociolinguística, cabe o papel de investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variantes que tem efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Entende-se, assim, que a variação e mudança são contextualizados, formando o conjunto de parâmetros, complexo estruturado de origens e níveis diversos. Mollica (2012) ressalta que os condicionamentos que concorrem-se para o emprego de formas variantes são em grande número, e agem simultaneamente, emergindo de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos.

Tem-se então, as variáveis internas e externas a língua. Pode-se exemplificar que as variáveis internas são as que encontram-se os fatores de natureza fonomorfo sintáticas, semânticos, os discursivos e os lexicais. Já no conjunto de variáveis externas à língua, obtêm-se os fatores que são inerentes ao indivíduo como a etnia e sexo, os fatores propriamente

sociais como a escolarização, nível de renda, profissão e classe social e os fatores contextuais, como o grau de formalidade e tensão discursiva. Os fatores inerentes ao indivíduo referem-se aos traços próprios do falante, enquanto os demais referem-se às características circunstanciais que por um momento envolvem-se ao falante e por outro momento envolvem-se aos eventos de fala. Vale ressaltar que a complexidade dos condicionamentos da variação não permite a previsão de todos os tipos de agentes relacionados às variantes linguísticas.

Todo o sistema linguístico encontra-se sujeito à pressão de duas forças que atuam no sistema de variedade e da unidade. Esse princípio de forças opera por meio de interação e da tensão de impulsos contrários, de tal modo que as línguas exibem-se inovações mantendo-se coesas. Vá-se exemplificar este dito: de um lado tem-se o impulso à variação e possivelmente o impulso à mudança; do outro lado tem-se o impulso à convergência que é a base para a noção de comunidade linguística que é caracterizada por padrões estruturais e estilísticos. Sendo assim, as línguas apresentam-se as contrapartes fixas e heterogêneas de forma a exibir unidades em meio à heterogeneidade. Isso tudo só é possível, vale lembrar-se, porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. Tendo em vista o que explica-se e exemplifica-se, prova-se, aqui, como é equívoco o conceito estruturalista de variantes livres, ao ser demonstrado que a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e implementa-se porque é contextualizada com regularidade. (MOLLICA, 2012)

Depois de tantos conceitos sobre a variação, pensa-se, então, no local que a mesma pode ocorrer como ela manifesta-se/ocorre. A variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico e diastrático. O primeiro é onde as alternâncias expressam-se regionalmente, levando-se em consideração os limites físico-geográficos, já o segundo eixo é a manifestação de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta as fronteiras sociais.

Além de traços descontínuos que são identificados nos polos rural e urbano, deve-se levar-se em conta os recursos comunicativos que são próprios dos discursos monitorados e não monitorados. O grau de isolamento geográfico e social concorrem-se com a quantidade de traços que definem-se uma estratificação descontínua, como as relações sociais, as características das redes sociais e o grau de relação do falante com o meio.

São considerados também os estilos formais e informais da fala e na escrita em conformidade com o controle e o monitoramento da produção linguística, além do plano da enunciação e de considerar-se o grau diferenciado de envolvimento dos falantes nos diversos gêneros discursivo-textuais. Desse modo, incorporam-se questões como a escolha do estilo que se impõe ao falante para acomodar-se ao seu interlocutor, o apoio contextual na produção dos enunciados, o grau de complexidade cognitiva exigida no tema e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa realizada. (MOLLICA, 2012, p. 13)

A estigmatização linguística e a mobilidade social fazem parte dos termos de interesse dos sociolinguistas. Os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e isso é o que pode determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Devido à análise dessas relações volta-se o olhar para o preconceito linguístico, que cada vez mais ocupa um lugar maior entre os estudos e debates gerados pelos sociolinguistas. Esse preconceito aborda-se no próximo capítulo, pois nesse capítulo ainda tem-se que explicar algumas considerações importantes sobre a variação e mudança para que os leitores deste trabalho compreendam melhor os fenômenos que leva-se ao preconceito linguístico sua existência e proliferação.

A variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que maior convívio tem-se com as forças de estabilidade. As análises sobre a dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que referem-se à forma padrão e à forma não padrão e o processo que envolve-se a implementação de mudança, estejam associadas ao gênero/sexo de cada falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

Fischer (1958) é um dos autores que Mollica (2012) traz em seu livro. A este autor é dado o título de ser a primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo. Fischer (1958) traz essa abordagem em seu estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, e um dos aspectos que verifica é o tipo de pronúncia, especificando-se que a pronúncia velar era mais frequente entre mulheres. Outro fato que o autor demonstra também é que a diferença entre a pronúncia velar ou dental no sufixo corresponde a uma diferença de valorização social, uma forma prestigiada *versus* uma forma de prestígio tende a predominar na fala feminina.

Estudos na área sociovariacionista puderam colaborar com a constatação de Fischer, gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis, os fonológicos, morfossintáticos, semânticos e apresenta um padrão regular em que as mulheres demonstram-se mais preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Outro fator que observa-se pelos estudos e também por Fischer (1958) é o de nas variantes mais prestigiadas, haver a presença de marca de plural em todos os elementos do sintagma nominal, é mais recorrente entre os falantes do sexo feminino e diminui sensivelmente a ocorrência entre falantes do sexo masculino. Estudos sobre processos

variáveis do português mostram-se que poder-se denominar uma maior consciência feminina do *status* social de formas linguísticas.

Essas análises de correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem-se de fazer referência não só ao prestígio que se atribui a comunidades das variantes linguísticas como também fazer referência à forma de organização social de uma determinada comunidade de fala.

A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos de organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social. Um exemplo ilustrativo é o da variação entre oclusiva uvular, oclusiva glotal e oclusiva vela em árabe. O estudo realizado por Haeri (1987) em diferentes comunidades muçulmanas mostra um outro padrão de distribuição das variantes em relação a gênero/ sexo: a variante ovular, forma de prestígio baseada no árabe literário, predomina entre os homens; as mulheres, por sua vez, estão associadas ao maior uso das formas não prestigiadas. Como discutiremos mais à frente, ainda que os padrões de correlação possam diferir, eles refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres. (MOLLICA, 2012, p. 35)

Outro assunto que interessa aos sociolinguistas diz respeito ao papel de variável gênero/sexo na mudança linguística. Não raro são os casos em que percebe-se que a mulher tende a liderar no processo de mudança linguística, estando uma geração à frente dos homens, sendo assim, assumem liderança da mudança, já quando trata-se de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança no processo, pode-se generalizar neste momento, que a sensibilidade feminina é maior ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas. Os efeitos de variáveis gênero/sexo vistos isoladamente camuflam outros aspectos e complexas interações que devem ser examinadas no estudo da variação e da mudança.

Continua-se a falar sobre a variação gênero/sexo, pode-se trazer mais contribuições para nosso estudo. Mollica (2012) diz que a interação gênero/sexo e classe social faz sobressair o fato de que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres podem ser mais ou menos acentuadas, dependendo-se da classe social a que pertencem. As diferenças entre a fala do homem e a fala da mulher serão mais salientes nos grupos sociais intermediários (classe média) do que nos grupos externos (classe baixa e classe alta). A variação pode ser juntada a múltiplos outros aspectos para estudar-se o quão diferenciada pode ser a forma de variação e

mudança. Muitos aspectos influenciam para essa ocorrência e isso só tende a acrescentar. Por isso, fica evidente, somente lendo até aqui, que é equivocado dizer que a variação ocorre por tal fator pois, como já disse-se, são inúmeros os fatores que influenciam para a ocorrência da variação.

Ainda diferencia-se os aspectos que influenciam a variação, os homens apresentam maior ocorrência de variantes não padrão, enquanto as mulheres apresentam índices mais altos de variante padrão. A diferença entre falantes do sexo masculino e feminino varia em função da classe social considerada, são maiores na classe trabalhadora alta e tendem a reduzir-se nas duas classes extremas que são a classe média alta e classe trabalhadora baixa. Isso tudo pode indicar que mesmo no interior de uma mesma comunidade de fala, os papéis masculinos e femininos podem se organizar de maneira diferente e em distintos subgrupos das comunidades de fala:

As diferenças entre homens e mulheres no uso da variante padrão, a pronúncia retroflexa, são mais acentuadas em estilos de fala mais cuidados, ou seja, naquelas situações em que o falante dispensa maior atenção à sua própria fala, e são menos expressivas ou tendem a se neutralizar em estilos de fala mais informais, em que emerge de forma mais evidente a variante vernacular. O aumento do índice da variante padrão na fala feminina é proporcional ao aumento do nível de formalidade do discurso. Essa forma de interação parece indicar que a sensibilidade feminina ao valor social das variantes linguísticas é, de certa forma, controlada pela própria situação de discurso. (MOLLICA, 2012, p.38)

O estudioso Kemp (1979) mostrou em suas análises que homens e mulheres mais jovens apresentam semelhança de comportamento linguístico enquanto homens e mulheres mais velhos tendem a apresentar diferenças que são mais percebidas. Oliveira & Paiva (1996) demonstraram, considerando-se todos esses estudos que, além de todas essas interações, outros indícios da diferença entre homens e mulheres podem ser percebidos através do controle de outras variáveis, citando o mercado ocupacional como uma outra variável, além da influência da mídia ou o grau de escolarização. Mollica (2012) traz ainda, que na faixa etária de 15 a 25 anos, verifica-se que os homens apresentam certo ajuste sociodialeto mais evidente, aumentando consideravelmente variantes do tipo padrão. Essa ocorrência pode ser explicada pelo fato de que em nossa sociedade, os homens desde muito cedo serem educados para alcançarem o sucesso profissional e assumir o controle do sustento da família.

Em contraponto ao que especifica-se no parágrafo anterior, verifica-se que a variável mídia na qual a autora especifica a televisão, possui um efeito notável entre os falantes do

sexo feminino, destacando-se que isso ocorre com mais frequência e mais notadamente na faixa etária que denomina-se de quarta, que é acima de 50 anos. Quanto maior o tempo em que o falante fica exposto à linguagem veiculada pela mídia, maior será a ocorrência de variantes prestigiadas na linguagem das mulheres. O que é possível aqui é a interpretação da diferença, não somente quantitativa, no qual mulheres passam mais tempo diante da televisão, mas também de atitude de homens e mulheres no que diz respeito a esse meio de comunicação. Nesta questão a maior reserva com relação à mídia televisiva é por parte dos homens do que das mulheres.

Oliveira & Paiva (1996) mostram que o processo de escolarização atua de forma nítida sobre as mulheres do que sobre os homens. A mulher revela-se mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta a incorporação dos modelos linguísticos.

Outra questão que põe-se para a sociolinguística é a de explicar, ou ao menos tentar explicar, os padrões regulares depreendidos nas diferentes pesquisas e a natureza das possíveis diferenças linguísticas entre homens e mulheres. Para conseguir-se explicar a regularidade da correlação entre os processos variáveis e variável gênero/sexo, um outro autor que nos é trazido é Trudgill (1974) que avança na hipótese de que os homens, diferente das mulheres, atribuem-se ao que ele chama de prestígio encoberto e que Labov (1972) chamou de *covert prestige*, e atribui esse nome às formas linguísticas. O autor especifica que as variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem a função de garantir a identidade do indivíduo com determinado grupo social, o que seria, posteriormente, um sistema de valores definidos. Se um determinado indivíduo deseja fazer parte de um grupo, deve partilhar, além de suas atitudes e valores, da linguagem que é característica desse grupo, ou seja, determinadas formas de linguagem investem-se de um *status* particular, mesmo que sejam desprovidas do prestígio na comunidade linguística no geral.

Sendo assim, pode-se dizer que os homens são mais propícios à influência do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, pois eles possuem mais mobilidade social e maiores oportunidades de participação de grupos sociais fechados. As mulheres, na grande maioria dos casos, estão mais concentradas nas atividades domésticas e possuem menos oportunidades de experiência coletivas que exijam a coesão do grupo.

A maior consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se

traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social. (MOLLICA, 2012, p. 40)

Alguns leitores podem estar nos conceituando como preconceituosos pois as mulheres em nosso estudo estão em uma classe social mais desfavorecida da que os homens. Isso não foi uma escolha minha para por nesse trabalho, mas por ser este estudo baseado nos trabalhos renomados de autores que obtiveram prestígio com suas obras publicadas, resta-nos transcrever e analisar fatos exemplificados por estes autores em seus trabalhos. Não entra-se no mérito do desmerecimento de gênero, apenas transcreve-se e subscreve-se leituras que tem como base as inúmeras pesquisas comprovadas nessa área. Talvez um estudo mais recente poderia demonstrar outro tipo de resultados para essa mesma análise, afinal, atualmente sabe-se que as mulheres já ocupam os meios profissionais e o mercado de trabalho e deixaram de ocupar somente os ambientes familiares, além de elas sempre e cada vez mais estarem também inseridas nos meios acadêmicos buscando mais conhecimento, o que com certeza influencia no tipo de linguagem usada e no tipo de linguagem que as constitui.

Continua-se nosso estudo mostrando que muitos dos papéis que são atribuídos às mulheres exigem delas uma conduta irrepreensível. Um exemplo disso é citado por Mollica(2012)

Um exemplo emblemático é a sua responsabilidade na educação dos filhos. Tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre eles o linguístico, a mulher se vê na contingência de apresentar-se como modelo. (...) (MOLLICA, 2012, P. 40)

Todas essas análises que foram trazidas até aqui em forma de explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres devem ser levadas em consideração a função do grupo social que é considerado. A atuação da variável gênero/sexo e de classe social é uma indicação possível de que nas classes intermediárias a divisão dos papéis pode ser mais rígida do que em classes trabalhadoras. Tudo depende da sociedade que é considerada na análise, dependendo-se disso, é mais frequente, por exemplo, que as mulheres, mais do que os homens, assumam a direção familiar, ampliando sua rede de contatos sociais. A coatuação entre gênero/sexo e idade assemelha-se por ser tomada como um indicador de diluição de

fronteiras nítidas entre os papéis femininos e os papéis masculinos nas faixas etárias mais jovens da população.

Fala-se tanto em variação linguística mas não pode-se deixar de falar em mudança linguística, ambas são áreas de estudo da Sociolinguística e muitas pessoas acreditam até que sejam a mesma coisa. Mas não são até porque no sentido de língua não existe a mesma coisa, nada é a mesma coisa. Especifica-se, agora, sobre a mudança linguística.

As mudanças linguísticas processam-se, geralmente de forma gradual em várias dimensões. Entra-se em uma dimensão específica para melhor conseguir-se compreender cada situação. No eixo social, os falantes mais velhos têm o costume de preservar mais as formas antigas, mesmo que essas pessoas sejam mais escolarizadas, ou ainda, de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, um exemplo disso, são pessoas do sexo feminino ou das que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público. Apesar disso, uma única pessoa pode escolher uma forma mais conservadora numa situação formal, preferindo outra forma mais atual em uma conversa informal. A mudança linguística não é, portanto, mecânica é regular a curto prazo, o que exemplifica o que diz-se é Mollica (2012, p. 43).

Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. [...]

Vai-se falar mais sobre mudança linguística, pois é uma área que merece nosso interesse e nosso tempo para analisá-la e descrevê-la. Considera-se mudança linguística, de curto ou longo prazo, em função da comunidade ou do grupo componente da comunidade. Vale ressaltar que quem fala é o indivíduo, é ele também quem muda ou deixa de mudar sua maneira de falar. Nos estudos que até hoje nos são chegados, não consegue-se saber ao certo em que ponto a língua que é falada pelo indivíduo pode realmente mudar no decorrer do tempo. Sobre esse assunto, existem duas posições teóricas mesmo que ambas não possuam evidências empíricas convincentes. A primeira posição postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra aproximadamente no início da puberdade e que a partir daqui a língua do indivíduo fica estável. A segunda posição diz que a gramática do indivíduo fica estável, não pode sofrer mudanças perceptíveis e significativas porque o contato com os dispositivos

cognitivos que possibilitam a sua manipulação, isso é o que chama-se de faculdade da linguagem, fica bloqueado. Essa última hipótese se apoia na psicologia desenvolvimentista.

Como já viu-se anteriormente, a média do grau de realização de uma variação estável e também de uma mudança em progresso pode depender muito da faixa etária do falante. Um exemplo que retrata é de que

[...]Os dados nos mostram um aumento do uso da velar *standard* no momento do ciclo da vida em que diminuem pressões sociais do círculo imediato de amigos do adolescente e aumentam os contatos ditados por necessidades profissionais ao entrar efetivamente no mercado de trabalho. Nesta nova etapa da vida, os valores da sociedade começam a se impor e o círculo social se alarga com os novos contatos. [...] (MOLLICA, 2012, p. 48)

Depois dessa afirmação, vale ressaltar que um outro fator que é observado é que ao retirarem-se do mercado do trabalho, no momento da aposentadoria, as pressões da sociedade e também do mercado deixam de agir. (MOLLICA, 2012)

Aborda-se agora a questão tempo nesse processo de mudança linguística. Sabe-se e percebe-se ou ainda, já tem-se parado para pensar que tudo muda com o decorrer do tempo, nesta questão da linguagem, apesar de todo indivíduo mudar com o tempo, ele não atinge a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje, o que acontece é o contrário, a tendência é exceder essa marca, ir em direção da deriva e assim implementar a mudança linguística. Outro fator que tem-se que considerar é de que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que frequentam esse ambiente e das comunidades discursivas. Sobre a escola, aborda-se melhor nos próximos capítulos, o que pode-se deixar adiantado é que ela atua como uma preservadora das formas de prestígio, diante das tendências de mudança em curso nessas comunidades. Por ser um meio de familiarização com a literatura nacional, a escola influencia nos gostos, dita normas, padrões tanto estéticos como culturais e morais, nessa conformidade que é o dizer e o escrever. Levando-se em consideração isso, compreende-se a influência de variável nível de escolarização como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Como bem compreende-se os atos comunicativos dividem-se em duas grandes modalidades, a fala e a escrita. Tendo como análise essas formas de expressão, distingue-se as que são socialmente prestigiadas, podendo-se explicar melhor o que é essa forma de expressão socialmente prestigiada. Essa forma das pessoas que são consideradas superiores na

escala socioeconômico opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico, essa forma ocorre em contextos mais formais, mais elitizados entre interlocutores que são transformados em exemplos modelos e ponto de referência de bem falar e bem escrever. Essas formas prestigiadas são resultado da literatura oficial, que transforma-a em língua padrão. Encontra-se essa forma nas gramáticas normativas, onde adquirem o *status* de formas corretas, a serem seguidas e ensinadas, aprendidas e internalizadas através da escola e de todo o sistema escolar.

O modo como as pessoas que são desprovidas de prestígio econômico e social comunicam-se é taxado como uma forma estigmatizada. Essa forma interpreta-se como sendo inferior, pelos membros da comunidade discursiva. Também é objeto de comentários jocosos ou rejeição que fica explícita na comunidade discursiva, é registrada como erro, vício nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, principalmente no nível fundamental e médio. Essa forma posteriormente, é tida como força para a ocorrência do preconceito linguístico como descreve-se a seguir, na próxima seção. Em relação a mudança pode-se dizer que, a escola sozinha não faz a mudança mas que mudança alguma se faz sem o concurso da escola, sendo assim, a escola é responsável ou tem certa responsabilidade sobre esse processo especificado até então: a mudança e a variação linguística.

Outro aspecto que também contribui para o fator de mudança e variação linguística é a interação entre falante e interlocutor, sendo que o falante pode alterar o seu estilo de falar dependendo de com quem fala.

Em Português, verificou-se que o sistema de uso dos pronomes de tratamento *você* e *o senhor/a senhora* é regido, por um lado, pela diferença de idade entre o falante e o ouvinte, e de outro, pelo grau de frequência da interação (grau de intimidade). (MOLLICA, 2012, p. 63)

Brown & Levinson (1978) trazem em seu estudo que a polidez na fala é vista como uma estratégia para que a harmonia nas interações seja mantida e seguem os princípios que visam a preservar a imagem “positiva” ou a imagem “negativa” dos interlocutores, ou seja, o desejo que cada ser tem de ser ao mesmo tempo apreciado e de manter a “liberdade de movimentos”. Outros autores como Macedo e Brito (1985) mostraram em seus estudos como esses modelos funcionam, por exemplo, em relações de igualdade, de poder ou entre falantes de poder superior para poder inferior, com pedidos de menor esforço, ou em interações com pessoas de muita intimidade, tem-se a preferência por formas mais diretas de pedir. Em

contraponto, pedidos que são para o interlocutor embaraçosas ou de alto custo, entre pessoas de hierarquia diferentes, com um menor grau de intimidade, induzem o emprego de estratégias mais indiretas.

A Teoria da Variação Linguística capta os exemplares da língua que estão em uso num contexto social e pode dirigir seu foco de interesse para os condicionamentos externos. Os primeiros trabalhos desenvolvidos pelos variacionistas abordavam os fenômenos morfofonológicos, nos quais tinha como base teórica que as duas ou mais formas alternantes ocorressem com certa confiabilidade.

Uma forma de captar a organização do sistema linguístico internalizado pelos falantes é o de estabelecer a variação como sendo parte integrante do sistema, juntamente com as estruturas variantes, e não somente como uma mera manifestação do uso linguístico.

Já menciona-se, mesmo que brevemente, sobre a mudança no decorrer do tempo. Essa mudança ainda depara-se com muitas dificuldades que nem sempre conseguem ser contornadas. A primeira dificuldade refere-se à própria validação da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que a variável idade não seja, muitas vezes, um índice conclusivo de uma mudança em progresso na língua. A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens põe o pesquisador diante de duas possibilidades. A primeira trata de instalação gradual de uma nova variante na língua que é a mudança linguística propriamente e a segunda trata-se de uma diferenciação linguística etária que repete-se a cada geração. O que pode-se deixar claro, neste quesito, é de que os falantes de uma língua alteram o seu comportamento linguístico no decorrer do percurso de sua vida, sem que observem-se alterações no sistema – a mudança geracional.

[...] mostramos que a maneira mais adequada de solucionar esses problemas é pela conjugação das evidências obtidas através do estudo da mudança no tempo aparente com as evidências fornecidas pelos estudos em tempo real. [...] (MOLLICA, 2012, p. 179)

A conclusão sobre o tempo real de longa duração e na influência da mudança e da variação só é possível por meio do estudo controlado desse fenômeno, de forma a identificar o seu percurso através dos séculos. Esse estudo, como todos os outros, também não está isento de problemas, mas constitui um recurso importante não apenas para identificar o momento de aparecimento ou a morte de uma dada variante linguística, mas também para verificar a

regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança.

Labov (1972) foi um grande estudioso na área da Sociolinguística e seus estudos contribuíram e permeiam-se até hoje em nossa sociedade. Ele instituiu Uniformitarismo para a regularidade no efeito de fatores controladores da variação e explicou que as forças que impulsionaram a mudança linguística no presente são as mesmas forças que impulsionaram mudanças no passado. O que fica claro nesta afirmação é de que na essência a língua de ontem não é diferente da língua de hoje. Sendo que se o passado pode auxiliar na compreensão de fatos do presente, o inverso também pode ser verdadeiro e ocorrer, o presente pode elucidar processos de mudança já concluídos.

Os problemas que cita-se acima são encontrados pelos pesquisadores no que refere-se ao estudo da mudança a longo prazo. O primeiro desses problemas é sobre a ausência de falantes nativos dessa língua, o que obriga ao pesquisador recorrer a amostras da língua escrita e a analisar documentos que são considerados representativos de um período de tempo determinado, a partir do pressuposto de que eles registram os primeiros passos do processo de mudança ou de que dão o testemunho de formas existentes em uma dada sincronia e que desaparecem em outra. A grande dificuldade posta aqui é de saber se aquela amostra de que ele dispõe representa a língua da comunidade de fala daquela época. Os documentos existentes sobrevivem por acaso e chegam até nós através dos copistas e com os acréscimos julgados necessários pelos editores modernos.

Labov (1994) lembra que as estruturas que sobrevivem nos textos escritos formam o resultado do esforço que vai em direção À norma culta escrita, ou seja, ocorre uma certa filtragem das formas linguísticas e ainda uma hipercorreção. Isso faz com que sejam mantidas nos textos e escritos as formas que já há muito tempo tenham desaparecido da fala. Um exemplo trazido por Mollica (2012) é o da mesóclise no qual exemplifica

Embora ausente na fala, essa forma de colocação do pronome clítico é preservada em alguns registros escritos. Além disso, os textos escritos, na maioria das vezes, carecem de homogeneidade dialetal; eles mesclam, mais frequentemente, traços dispersos de diversos dialetos, principalmente quando autor e copistas são originários de áreas geográficas distintas. (MOLLICA, 2012, p. 184)

Um outro aspecto que não pode-se deixar de considerar é de que os documentos históricos disponíveis só apresentam evidências positivas em relação ao que foi dito. Sabe-se

por meio desses documentos o que era usado, mas não consegue-se ter a certeza sobre a gramaticalidade do que não aparece nos textos.

Hipóteses sobre o que era gramatical só podem ser levantadas a partir de inferências sobre distribuições irregulares e, ainda assim, tais distribuições podem ser simplesmente casuais. Isso, naturalmente, limita as conclusões a que se pode chegar, mas de forma alguma diminui o valor e a importância de buscar no passado os caminhos percorridos por um sistema linguístico, tomando naturalmente os cuidados necessários nessa “arte de fazer melhor uso de maus dados” (Labov, 1994, p.11 *apud* MOLLICA, 2012, P. 184)

Vale lembrar que se um fenômeno variável mostra-se sensível aos diferentes gêneros literários. Nos dias de hoje, é possível e natural que o mesmo tenha ocorrido no passado. Tem-se de retratar aqui a mudança no tempo real, mas num período de curta duração, no qual o espaço de uma geração – aproximadamente 18 anos – é o suficiente para fornecer indícios sobre a estabilidade ou a mudança no comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade de fala a que ele pertence. Naro & Scherre elaboraram um estudo do tipo painel tendo por base os mesmos falantes. O estudo revelou que ocorreu um aumento significativo nas taxas de concordância verbal e nominal para todos os indivíduos.

Um outro tipo de estudo é o do tipo “tendência” no qual tem como base a comparação de amostras que são aleatórias mas da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo.

Mantida a exigência de que cada amostra seja efetivamente aleatória, os falantes gravados podem ser considerados representativos da comunidade no momento da gravação e o resultado do estudo comparativo das amostras será, em termos estatísticos, equivalente ao estudo da comunidade como um todo. Essa técnica, que nada diz sobre o comportamento linguístico do indivíduo, permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, estabilização ou recuo de processos de mudança. [...] (MOLLICA, 2012, p. 188)

Essa combinação dos dois tipos de mudança, em tempo real de curta duração autoriza duas situações possíveis. A primeira possibilidade diz sobre o comportamento do indivíduo, que permanece estável e a comunidade é quem muda. A segunda possibilidade configura o quadro de variação estável com mudança geracional, na qual o indivíduo altera seu

comportamento linguístico e a comunidade é que permanece estável. Da interação entre o indivíduo e a comunidade pode derivar duas outras possibilidades, por um lado, é possível que tanto o indivíduo quanto a comunidade mantenham-se estáveis ao longo do tempo, por outro lado é também possível que ambos apresentem um grau de mudança.

Só a partir de conjugação entre os dois tipos de estudo, associada às evidências do tempo aparente, é que se pode buscar compreender a intercomplementaridade entre a mudança no indivíduo e na comunidade e o grau de interseção existente entre elas. A conjugação entre os estudos do tipo “painel” e “tendência”, embora não solucione todos os problemas inerentes ao estudo da mudança no tempo real, fornece elementos para resolver uma questão que parece insolúvel nos termos em que foi formulada por Saussure (1995): é a fala (*parole*), ou melhor, uma acumulação de fatos similares na fala, que faz evoluir a língua. O autor não deixa claros, no entanto, a forma e os meios como os fatos individuais de mudança passam da esfera do indivíduo para a esfera da comunidade como um todo. O conceito de variação permite ultrapassar essa contradição e proceder a uma articulação mais natural dos três pólos indissociáveis, indivíduo/sociedade/língua (cf. Labov, 1982 *apud* MOLLICA, 2012, p. 190)

Após essa explicação palpável sobre a mudança e a variação, entra-se enfim, no nosso tema central, tema que norteou nosso trabalho até então, fala-se na próxima seção sobre o preconceito linguístico. Pode, num primeiro momento, parecer distinto esse assunto que começa-se a falar com o que escreve-se até agora, mas ao iniciar-se uma leitura mais aprofundada e uma análise minuciosa percebe-se que mudança linguística, variação linguística e preconceito linguístico tem muita relação e que um contribui para o surgimento e ocorrência do outro. Vai-se então para a próxima parte.

3.1 Preconceito Linguístico

Na seção anterior viu-se os casos frequentes de variação e de mudança, também viu-se os fatores que influenciam para as mesmas ocorrerem. O que explica-se agora é que essas variações e mudanças podem ocasionar um outro fator, que é o caso do preconceito linguístico.

Antes de adentrar-se sobre as causas e consequências do preconceito linguístico buscase a definição do que seja preconceito

pre.con.cei.to

sm (pre+conceito) **1** Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados. **2** Opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão. **3** Superstição que obriga a certos atos ou impede que eles se pratiquem. **4 Sociol** Atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos. **P. de classe:** atitudes discriminatórias incondicionadas contra pessoas de outra classe social. **P. racial:** manifestação hostil ou desprezo contra indivíduos ou povos de outras raças. **P. religioso:** intolerância manifesta contra indivíduos ou grupos que seguem outras religiões. (Dicionário Online)

Como vê-se na definição, existem muitos tipos de preconceito. Neste trabalho, trata-se do preconceito que está ligado à linguagem, trabalha-se com o Preconceito Linguístico.

Esse preconceito envolve aspectos sociais, sobre este preconceito, Hannecker (2004) diz

Na medida em que, em suas práticas sociais, um grupo de indivíduos é segregado por seu modo de falar, sendo estigmatizado como inferior em relação a outro grupo cabe ao estudioso em educação intervir com suas investigações para denunciar o fato e propor caminhos, seja para a educação informal, ou seja, para a educação formal promovida pela escola. (HANNECKER, 2004, P. 29)

É preciso analisar que o preconceito deriva, por um lado, do fato de ter-se uma norma padrão que é o modelo de língua “certa”, descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa e que não corresponde de fato a nenhuma variedade falada autêntica e tampouco a escrita mais monitorada e também, por outro lado tem-se o conjunto de variedades prestigiadas, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural e, ainda, também tem-se o conjunto de variedades estigmatizadas, faladas pela imensa maioria da nossa população, sejam das zonas rurais, sejam das periferias e zonas degradadas das cidades, na qual vivem-se os brasileiros mais pobres, com menos acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos direitos elementares. Ao observar esses fatores, fica evidente que haverá uma grande diferença no falar de cada uma dessas pessoas, se as mesmas, compartilharem de uma ocasião de fala numa situação cotidiana. (BAGNO, 2012, p. 12)

O que vale ressaltar é que a noção de “erro” que o indivíduo pode atribuir a sua fala é decorrente dos critérios de avaliação que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam-se sobre todas as outras classes sociais, pois do ponto de vista linguístico o erro não

existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua. Bortoni-Ricardo (2004) retrata que só pode-se falar em “erro” se cada cidadão errasse, individualmente e de modo particular, no momento de produzir um determinado fonema. Mas como pode-se chamar de erro um fenômeno que verifica-se em todo o país e produzido por muitos indivíduos?

Como viu-se no capítulo anterior, a variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua, pois uma educação linguística deve ser voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática e não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais na identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e denegrir ou condenar uma variedade linguística é o mesmo que denegrir e condenar os seres humanos que falam esta língua como se estes fossem incapazes, deficientes ou não inteligentes, conforme apregoa BAGNO (2013).

A análise das principais características das variedades linguísticas faladas pelos brasileiros de origem rural e urbana mostra como cada uma dessas características constitui, uma regra gramatical. Se essa regra é tida como “errada”, é porque ela é diferente da regra única, categórica que foi imposta pela tradição gramatical normativa, sendo esta baseada somente nos usos linguísticos de uma elite de falantes mais letrada. Mas, como bem sabe-se, diferença é tida como deficiência neste amplo mercado linguístico.

Em nosso país, os falares considerados de maior prestígio são os usados nas regiões que são economicamente mais ricas. Percebe-se, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certos dialetos ou a certas variedades regionais e conseqüentemente nutrem a rejeição e o preconceito em relação a outro. O que também sabe-se é que este preconceito é perverso, não tem fundamento, e esse combate deve começar na escola, afinal, a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que necessitam a cultivação a partir da educação infantil e do ensino fundamental. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 35)

A expressão “erros de português” é uma forma inadequada e preconceituosa de falar-se sobre e, por isso, usa-se essa expressão entre aspas. Os *erros* de português são apenas *diferenças* entre variedades da língua. Não raro os casos, essas diferenças apresentam-se entre a variedade usada no domínio do lar, no qual, neste espaço predomina uma cultura de oralidade, tendo o afeto e a informalidade permeadas nesta relação. (BORTONI-RICARDO, 2009, p.37)

O *status* socioeconômico, uma vez que ele representa desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que posteriormente reflete em diferenças sociolinguísticas. Bortoni-Ricardo (2009) ressalta a inclusão digital entre os bens culturais, associando o acesso ao computador e a internet como um fator socioeconômico.

Outro papel social é o grau de escolarização, pois os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também influencia em seu repertório sociolinguístico. O mercado de trabalho enquadra-se nesses fatores, pois as atividades profissionais que um indivíduo desempenha também é um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico. Certas profissões exigem de seus profissionais uma maior flexibilidade estilística e serem capazes de variar sua fala numa gama de estilos, dominando com segurança os estilos mais monitorados. E existem também as profissões em que mesmo com nível superior, exige-se menos o domínio de estilos monitorados, segundo Bortoni-Ricardo (2009)

Como também já menciona-se, cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convive-se em nossa rede social. Sabe-se que a rede social de um indivíduo é constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos mais diversos domínios sociais e essa rede também é um fator determinante das características do seu repertório sociolinguístico. Além dessa rede social, deve-se considerar também o seu *grupo de referência*, que são as pessoas com quem esse indivíduo não interage fisicamente ou por meio de recursos como internet, telefone, mas que esse indivíduo tem como modelo para sua conduta. Normalmente este grupo é escolhido pela experiência que o indivíduo tem assistindo novelas, filmes e etc. (BORTONI-RICARDO, 2009)

O que tem-se que deixar claro aqui é que todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas, independente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades, porque essas sentenças foram produzidas por um falante nativo da língua e esse falante tem conhecimento das regras básicas da variedade e dos estilos dessa língua, que compõem o seu repertório. As únicas sentenças que poderiam ser consideradas mal formadas seriam as produzidas por estrangeiros que não falam bem a língua, ou por crianças que estão no processo de internalizar as regras do sistema, ou seja, estão no processo de desenvolvimento da competência linguística.

Então, todo falante nativo do português produz sentenças bem formadas que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou. Mesmo que essas sentenças surjam seguindo as regras da chamada língua padrão ou as regras das variedades rurais ou rurbanas, em ambos os casos serão bem formadas. Vale lembrar aqui um ponto

importante que não pode ser confundido é de que o conceito de sentenças bem formadas que provém da noção de competência com a noção de “erro” que as nossas gramáticas normativas defendem. Na visão e descrição dos gramáticos normativos, toda a sentença que não siga as regras da chamada língua padrão é “errada”, mas como já viu-se, a linguagem usada no polo rural/ urbano do contínuo é simplesmente *diferente* da linguagem usada no pólo urbano em estilos monitorados, mas tanto uma quanto a outra constituem-se de sentenças bem formadas. Nenhum falante usa mal a sua língua materna, somente a usa como conheceu e a adquiriu. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 72)

O que auxilia um falante saber falar, saber como falar e o que falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstância é sua competência linguística. Dell Hymes incluiu em seus estudos a noção de adequação a essa já existente, noção de competência. Este autor explica que quando um indivíduo faz uso da língua, não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. Por exemplo, em uma situação que exige mais formalidade, diante de um interlocutor desconhecido ou num tratamento que exige a forma formal, o falante vai selecionar um estilo mais monitorado, já em uma situação de descontração, em que seus interlocutores sejam pessoas íntimas, o falante não vai vigiar/monitorar sua fala, e usará um estilo mais coloquial. Em todos esses processos, o falante terá de levar em conta o papel social que está desempenhando. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 73)

Como já menciona-se, como o Brasil é um país multicultural é natural que tenha-se muitos tipos de falares. São esses diferentes modos de falar que ocasionam o preconceito linguístico, mas além disso, o preconceito fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si e da língua falada por aqui. Bagno (2013) afirma, em seu conhecido trabalho no qual aborda o assunto Preconceito Linguístico, especificando muito bem o assunto, mitos que nós, povos que compõem-se este país, tem-se internalizado. Mitos que fala-se muitas vezes sem refletir sobre o que fala-se. Esses mitos tornam-se prejudiciais à medida que internalizados na mente dos falantes tornaram-se verdades obscuras e sem fundamento. Acredita-se fielmente que não sabe-se português porque o que conhece-se dele são regras incabíveis, difíceis e cabeludas de serem entendidas, mas esquece-se de que somos falantes nativos e que por ser-se falantes nativos sabe-se sim nossa língua. Achar que fala-se errado é uma das primeiras fontes para o preconceito surgir posteriormente, porque mantem-se a posição de que certas formas são corretas e de que outras não deveriam nunca serem usadas.

O papel da escola é fundamental para a extinção desses conceitos internalizados. E é sobre este papel da escola que aborda-se-á no próximo capítulo. Faz-se cada vez mais necessária uma mudança no sistema de ensino e uma consideração maior do falar que o aluno já tem internalizado consigo. A escola dissemina esse preconceito sem perceber, quando determina noções de certo e errado.

4 A ESCOLA E O COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Depois que inicia-se este trabalho com o detalhamento da Linguística, adentra-se na área da Sociolinguística e aborda-se o preconceito linguístico é dada a hora de proporcionar-se uma ideia de mudança, uma reflexão sobre o preconceito e como deve ser abordado na escola. Só consegue-se combater algo quando inicia-se pelo local no qual o fator começa sua distribuição e seu alastramento. No caso em jogo, no preconceito linguístico, muitos estudos afirmam ser a escola uma das principais responsáveis pela propagação do mesmo afinal, é ela quem ensina a forma padrão como sendo a própria e mais adequada.

Sobre essa temática com o propósito de combater o preconceito existente, há vários estudos e autores que abordam a maneira como a escola deve proceder a fim de que este tipo de preconceito se extinga.

Bortoni-Ricardo (2009) retrata que é papel da escola levar os alunos a apoderarem-se também das regras linguísticas que sejam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo que permita a eles o acesso pleno à maior gama possível dos recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa mais ampla e mais diversificada sem que isso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. É no momento em que o aluno usa uma regra não padrão e o professor intervém, fornecendo a variedade padrão que as duas variedades se justapõem-se em sala de aula, e o aluno passa a ter conhecimento da outra forma de usar a língua.

Os educadores brasileiros, em especial, os linguistas, baseados nessa corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera o “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma simples diferença entre as duas variedades, têm-se realizado um trabalho importante, mostrando-se que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo e diminuí-lo. Ao contrário, uma pedagogia que seja sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola e mostra ao professor como encontrar formas melhores e eficazes de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Porém, na prática, esse tipo de comportamento é ainda problemático para os professores, que sentem-se inseguros, sem saber devem-se corrigir ou não, quais erros devem ser corrigidos ou até mesmo podem-se falar em erros.

O padrão de comportamento do professor com relação ao uso de regras não padrão pelos alunos depende do tipo de evento em que essas regras ocorrem. Do olhar de uma pedagogia culturalmente sensível a esses saberes dos alunos, podemos dizer que, perante a realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora(o) deverá incluir dois componentes. O primeiro componente é o de identificação da diferença e a conscientização da diferença. A identificação fica prejudicada devido à falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores têm sobre a regra. Para muitos educadores, principalmente os que têm antecedentes rurais, as regras do português próprio de uma cultura predominantemente oral ficam invisíveis e não são percebidas, o professor as tem em seu repertório e não as percebe na linguagem do aluno, especialmente quando os eventos de fala são informais. O componente conscientização traz mais dificuldades, pois é preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele mesmo monitore seu estilo, mas isto tem de dar-se sem causar prejuízos no processo de ensino/aprendizagem, ou seja, sem causar interrupções inoportunas. Mais importante ainda, é observar o devido respeito que todos devem ter para com as características culturais e psicológicas do aluno. A maneira inadequada ou até desrespeitosa dessas diferenças vai provocar a insegurança, o desinteresse ou até a própria revolta do aluno.

Como viu-se, as pessoas vão adquirindo os recursos comunicativos à medida que vão ampliando suas experiências na comunidade na qual vivem e passam a assumir diferentes papéis sociais. Mas a escola tem um papel muito importante no processo de aquisição desses recursos comunicativos. As crianças, quando começam a ir para a escola, já sabem falar bem a sua língua materna, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações cotidianas. É papel da escola facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo apropriar-se dos recursos comunicativos necessários para que desempenhem-se bem e com segurança nas mais distintas tarefas linguísticas. Estes alunos vão precisar especialmente desses recursos comunicativos bem específicos para fazer uso da escrita, em gêneros textuais mais complexos e para fazer uso da língua oral em estilos e situações monitoradas. (BORTONI-RICARDO, 2009).

Como já menciona-se, todo falante dispõe de suficiente competência linguística em sua língua materna para que produza sentenças bem formadas e comunicar-se com eficácia. Ao adentrar na escola, todos os alunos brasileiros que têm o português como língua materna já são competentes em língua portuguesa, já são usuários competentes de sua língua materna, mas o dever é ampliar a gama de recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais. A escola transforma-se no espaço no qual os educandos vão adquirir estes recursos

comunicativos. Fica evidente que a tarefa da escola é criar as condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e posteriormente possa usá-la para as diversas interações, sejam verbais ou escritas, que necessitará desenvolver ao longo de toda a sua vida.

Os professores devem tomar plena consciência dos usos que fazem de sua língua para posteriormente poder levar os alunos a fazerem o mesmo. Se em nosso ambiente escolar valoriza-se a nossa criatividade, encontra-se inúmeras formas de refletir sobre o português brasileiro e de usá-lo com satisfação e confiança, porque todos nós que o temos como língua materna somos muito competentes na língua portuguesa e deve-se desmentir e não internalizar os mitos que todos conhecem e até usam sobre esse uso do português como língua. Deve-se, como educadores, contagiar nossos alunos com a confiança e com a alegria de usar o nosso português, seja na fala ou na escrita, com pouca ou muita monitoração, esteja-se prontos para desempenhar qualquer tarefa comunicativa que nos caiba. (BORTONI-RICARDO, 2009, p.105)

O grande problema do preconceito linguístico está ligado ao modo como ensina-se português, naquilo que é ensinado e o rótulo que já está ligado à língua portuguesa. Por exemplo, a Constituição Nacional é de acesso a todos, mas como um povo com uma escolarização menor conseguirá ler e entender aqueles termos e aquela linguagem que é de difícil compreensão até mesmo para quem tem uma graduação? É um texto para todos, mas quem nem todos conseguem entender. Uma das soluções para essa mudança de conceitos abordados por Bagno (2013) diz respeito ao aumento de autoestima linguística que deve ser elevada por cada professor, recusando os mitos e os velhos argumentos que desprezam o saber linguístico individual de cada um de nós. Tem-se que nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Ao invés de repetir certas coisas que encontra-se no português, o professor deve refletir sobre elas, não limitando-se a transmitir tal e qual as regras ou nos livros didáticos. Ao invés de reproduzir a tradição gramatical, o professor deve produzir seu próprio conhecimento de gramática, transformando-se num pesquisador orientador de pesquisas a serem empreendidas na sala de aula junto com os alunos. Parar de entregar regras já prontas e começar a descobrir métodos prazerosos e inteligentes para que os próprios aprendizes deduzam essas regras em textos vivos, coerentes e bem construídos, interessantes, sejam da língua escrita ou da língua falada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal pressuposto foi de que o preconceito linguístico existe e prejudica os que dele são vítimas. Isso levou-nos aos três grandes pilares que compõem este trabalho: o mapeamento dos históricos dos estudos linguísticos, os estudos da variação linguística e da mudança linguística sendo estes os objetos de estudo da Sociolinguística e o combate por parte da escola em relação ao preconceito linguístico. Portanto, o intuito central deste trabalho em análise foi se a Linguística aborda e analisa o Preconceito Linguístico existente nos diversos ambientes em que nos encontramos. E a partir disso, selecionamos nossos objetivos em análise do que é preconceito linguístico, nas influências das relações sociais para a ocorrência de diferenças nas falas e na investigação de possíveis danos causados nas relações de quem seja a vítima do preconceito linguístico no ambiente escolar.

No intuito de conseguir encontrar raízes para o preconceito linguístico, treze foram os conceitos que servem como base neste mapeamento e que revelaram ou ao menos colaboraram na revelação do preconceito linguístico nos seus diversos ambientes. Esses conceitos demonstram em qual parte da Linguística aparece o preconceito, e como ele é retratado, são conceitos que confirmam nossas hipóteses e servem como base para a nossa presente pesquisa:

- a) Língua e Linguagem: linguagem é a capacidade humana de se comunicar por meio da fala e da escrita; Língua é o sistema linguístico particular, é o idioma.
- b) Linguística: ciência que estuda a língua/linguagem que surgiu a partir de 1950 sobre a influência de Ferdinand de Saussure.
- c) Sincronia e Diacronia: uma descrição sincrônica da língua a descreve tal como ela é em determinada época; uma descrição diacrônica preocupa-se com o desenvolvimento histórico da língua e com as mudanças de estrutura que lhe ocorreram.
- d) Microlinguística e Macrolinguística: o primeiro é a visão mais restrita no qual as línguas devem ser analisadas em si mesmas e sem a interferência de sua função social, do modo como são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos que subjacem à produção e recepção de fala, a função literária ou estética ou comunicativa da língua. O que se encontra aqui dentro representa o conjunto mais antigo e tradicional dos estudos da linguagem. A segunda é a visão mais ampliada do escopo da linguística, que abrange todos os aspectos da linguagem que a anterior não aborda.

- e) Morfologia: estudo das formas das palavras, muito influente para a Linguística contemporânea.
- f) Etimologia: comparação das formas e significados.
- g) Método comparativo: conjunto de princípios pelos quais as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas no tocante a seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a mostrar que eram aparentes.
- h) Forma externa e interna da língua: a forma externa seria a matéria bruta (os sons) com base na qual as diferentes línguas são moldadas; a forma interna seria o padrão, ou estrutura, de gramática e significado que é imposto sobre essa matéria bruta e que diferencia uma língua da outra.
- i) Função cognitiva, expressiva e conativa: a primeira se refere ao uso para a transmissão de informação factual; a segunda é a indicação da disposição de ânimo ou atitude do locutor (escritor) e a terceira se entende por seu uso influenciar a pessoa com quem se fala.
- j) Pragmática: ciência que estuda os fatores que regem as nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos das nossas escolhas sobre as demais pessoas.
- k) Sociolinguística: subárea da Linguística que considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais e comunidades maiores. A essa ciência cabe investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variantes que tem efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.
- l) Variação linguística: ocorre quando uma palavra varia no falar de um falante para outro falante. Essa variação se dá por diversos fatores, tais quais podemos citar a escolarização, etnia, sexo, nível de renda, profissão, classe social, grau de formalidade, etc.
- m) Mudança linguística: quando uma forma de falar desaparece ou aparece. Algumas formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura o processo de mudança.

Podemos afirmar que a Linguística passou por muitos processos de reformulação até se tornar a Linguística tão complexa que encontramos hoje, mas que muito é retratado nesta ciência sobre fatores que contribuíram para a formação do preconceito linguístico. Com base nesses conceitos, podemos perceber também que o preconceito vai surgindo na Linguística até

encontrarmos sua raiz que fica instalada na mudança e na variação e conseqüentemente nos seus falantes.

Com base nisso, o professor de língua ou os aficionados pela nossa língua materna devem sempre refletir e evitar que qualquer tipo de preconceito se propague. Sabendo de onde ele vem saberemos a melhor forma de combatê-lo e isso só auxiliará para sua extinção por completo.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Editorial Loyola, 55ed.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 6ed.
- Dicionário Online de Português.<<https://www.dicio.com.br/preconceito/>> acesso em : 21 abr. 2018.
- FÁVERO, Altair Alberto. GABOARDI, Ediovani Antônio. Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014. 5ed.
- FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2006. 5ed.
- HANNECKER, Lenir Antônio. **Educação e preconceito linguístico**. 2004. 102 f; dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Educação.
- MOLLICA, Maria Cecilia. Braga, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.
- MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. 2ed.
- WEEDWOOD, Barbara. História concisa da Linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.